

CIDADE [OUTRA]: POÉTICAS ENTRE ARQUITETURA, URBANISMO E ARTES

FERNANDA FEDRIZZI LOUREIRO DE LIMA¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – fernanda.fedrizzi@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Artes Visuais desta instituição (PPGAV/UFPEL), na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, e contempla relações entre arquitetura, urbanismo e artes visuais, passando pelo entendimento das relações entre estes campos e o que surge nas cidades. Utilizando da potência política da arte, bem como da percepção sensível, penso a cidade que se constrói entre memórias do passado e do futuro, criando ações de aproximação e apropriação, numa prática que inicia por levantamento de dados sobre os territórios e que resulta numa produção artística por meio de fotografias, cartografias, escrita e outras *grafias* que procuram criar e propor novas formas de ser e estar na cidade.

Busco compreender se as poéticas que utilizo têm potencialidade para provocar o surgimento de “Cidades [outras]”, construídas de forma crítica, poética, política e ligadas às sensibilidades, ao tempo, aos corpos e às questões da representatividade nos lugares urbanos. Neste breve texto procuro reunir a produção artística que faz parte da pesquisa de mestrado, porém não no sentido de apresentá-la em detalhes, pois isto exigiria mais tempo e espaço, mas sim como uma oportunidade de reunir os trabalhos para possibilitar o entendimento dos principais conceitos que me levaram até a “Cidade [Outra]” e o sentido utópico desta pesquisa.

Acredito na potência das palavras e nos seus significados e faço delas um meio de aproximação com a cidade. Confio em alguns dos seus significados, antigos e revisitados, e os vejo como possibilidade de criação de novas formas de perceber a realidade. Segundo a historiadora Sandra Pesavento, a palavra pode ser vista como “uma forma de qualificar o mundo, dando sentido e pautando as ações sociais. Esse processo de outorga de significado é, pois, criador de realidade e instaurador da coerência que organiza a percepção do mundo” (PESAVENTO, 2001, p. 99). É importante destacar que a escrita que vem sendo construída nesta pesquisa versa sobre as minhas inquietações enquanto pesquisadora, arquiteta urbanista e artista e as possibilidades de criação de uma poética arquitetada por meio de processos que surgem da curiosidade e da exploração de territórios que confundem realidade e utopia.

Os trabalhos e discussões produzidos, até o presente momento, têm por objetivo construir uma conversa com os lugares ordinários e tento apresentá-los de forma que provoquem discussões sobre a importância da percepção sensível no cotidiano, a fim de viabilizar o acesso às diferentes leituras das sensibilidades, das experiências emocionais e das memórias nas cidades. Assim, tento entender o que ocorreu para que as cidades de hoje sejam como são. Para isso procuro, por meio da pesquisa em artes, pensar lugares onde é possível sentir-se mais pertencente. Busco, com os trabalhos, propor que as pessoas saiam da posição de mero espectador e se sintam capazes de criar formas de vivenciar, experienciar, olhar, perceber a cidade, compartilhando visões e provocando outras pessoas para que elas também o façam. Esse desejo parte de uma esperança de que a produção

poética seja capaz de revigorar a língua, que “toca com coragem no limite do dizível, contorna com determinação as fronteiras do informe” (SOUSA, 2007, p. 35) e da percepção de que, para criar na cidade, precisamos estar atentos frente aos movimentos de assepsias e aos incêndios.

Portanto, “Cidade [outra]”, título provisório da pesquisa em desenvolvimento, refere-se ao desejo de criar possibilidades diversas de ser e estar, ver e fazer, a cidade. Confio na potência do que é apontado pelos artistas do Grupo Poro, que afirmam que “precisamos aprender a ver, imaginar. Ocupar de modo poético e inventivo o imaginário urbano” (PORO, 2013, p. 14) e, se assim for feito, poderemos contribuir para o surgimento de uma cidade mais humana.

2. METODOLOGIA

Suely Rolnik, diz que “escrever é traçar um devir no tempo” (1993, p. 9), é a voz e o movimento dos lugares! As grafias, formas de linguagem, possibilitam trazer o invisível para o visível. Grafias são, também, meios de criar polifonia, discursos com muitas vozes onde o protagonismo é dividido. O método de trabalho e pesquisa utilizado, até aqui, passa por algumas formas de grafia: fotografia, cartografia, desenho, escrita, e seguem em constante construção e consolidação. Minha metodologia, assim como meu trabalho, nasce no campo entre arquitetura e arte, e passa também pela elaboração de alguns conceitos, ainda em desenvolvimento, que falam sobre o lugar de onde se olha o mundo, as fusões entre lugares e as possibilidades de troca entre mundos, pessoas, territórios. É preciso estar envolvido com a cidade para não deixar o poético fugir e dar lugar ao enrijecido. A arte constrói o campo onde isso é possível e, assim como a pesquisa, a metodologia que utilizo, ou que virei a utilizar, se mantém em movimento e surge da análise dos meus processos de criação em diálogo com os teóricos com as quais tenho maior afinidade. Até o momento esta pesquisa está sendo produzida conversas mais próximas de PESAVENTO (2001), CALVINO (1990), KWON (2008), PORO (2013), TUAN (1997), SOUSA (2007), PEIXOTO (2004), VIECELI (2018) e SOUZA (2001).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como abrir janelas para uma percepção sensível? Como criar possibilidades de ver adiante, de transpassar os limites invisíveis? A arte permite e incentiva a resiliência. Apresentarei agora alguns dos meus trabalhos que tiveram seu início em observações cotidianas, e quase inconscientes, a partir desta pesquisa e de um terreno de interior de quadra que se encontrava inacessível, quase invisível em meio da malha urbana e de edificações que fazem parte dos percursos que faço no bairro Floresta, em Porto Alegre/RS. Esta conversa surge entre relatos de experiência e de percepção sensível em lugares cuja história não foi escrita. Uma cidade que ressurgiu como uma fênix quando percebida como fresta na realidade, ativando memórias soterradas pela repetição, cansaço e velocidade. Até agora, como parte desta pesquisa, produzi uma pequena publicação intitulada “*Miolo*” (2018), que nasce da descoberta de uma caixa de correspondência incrustada em um portão de ferro que pertencia a antiga edificação existente em um terreno de interior de quadra. Da observação deste lugar e do trabalho “*Miolo*”, surgiram as fotografias, poesia e instalação que compõem o trabalho “*Quando lugar algum [re]torna-se algum lugar*” (2019), que resultou em uma exposição individual no Espaço de Artes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), na Capital,

que dava a ver os resquícios de memórias de um bairro, uma população, uma história, que não foi registrada em livros. Em meio a isso, realizei *“Mulhercidade”* (2018), fotoperformance que fala do pertencimento das mulheres nas cidades e destes corpos negligenciados: da mulher e da cidade em estado de arruinamento. Estes trabalhos foram meus meios de percepção do ordinário nas cidades e possibilitaram avançar a pesquisa rumo a outros temas.

O desejo de criar novos lugares, “Cidades [outras]”, fez com que fosse preciso entender aquelas que já existem para assim poder caminhar rumo a utopia. Anseio criar memórias de um futuro onde seja possível me reconhecer na cidade e onde outras pessoas também se reconheçam nela. Neste ponto da pesquisa, após *“Mulhercidade”* e pensando sobre minha experiência como mulher Porto-alegrense, me pergunto por que não é comum encontrarmos mulheres homenageadas na história da cidade de Porto Alegre/RS, e em outras cidades, e o que pode surgir quando são criadas novas relações de não-ausência, assim como os impactos da presença da mulher na política, na arte e na cidade. Através da leitura dos textos *“Era uma vez o beco: origens de um mau lugar”* (PESAVENTO, 2001) e *“O sentido das palavras nas ruas da cidade. Entre as práticas populares e o poder do Estado (ou público)”* (SOUZA, 2001) comecei a analisar de uma forma mais ampla os mapas das áreas centrais de Porto Alegre/RS e Pelotas/RS e desenhar uma crítica às situações não percebidas que nos prejudicam de alguma forma. Este tema foi abordado por meio dos trabalhos *“Cidade só para homens”* (2019) e *“Outra Cidade [v.1]”* (2019), que surgiram da reflexão sobre as relações entre a nomenclatura das ruas e representatividade nas cidades por meio da palavra e da imagem. Ambos trabalhos são cartografias, mapas, que surgem da percepção da ausência de mulheres nas quadras onde vivo em Porto Alegre e Pelotas, e do desejo de ver algumas das mulheres homenageadas e registradas nas cidades. Em *“Cidade só para homens”*, evidenciei, em diferentes cores, as ruas com nomes de homens, mulheres, datas, lugares e fatos históricos e ruas sem nomenclatura ou de uso interno. O resultado foi claro: a cidade é só para eles, homens, e concordo que “a força dos nomes e suas designações ajudam a compreender o sentido da cidade” (SOUZA, 2001, p. 141). Os centros das duas cidades, principal local de reconhecimento em qualquer área urbana, não é o lugar da mulher. Em Porto Alegre, no mapa da região central, apenas um registro. Em Pelotas, não mais do que quatro. Entre eles, muitos homens, alguns e poucos lugares, fatos, datas. Majoritariamente, homens. Isto em um recorte simples de gênero, sem aprofundar em outras questões. A *“Outra Cidade [v.1]”* é a cidade desejo, *cidade eu*, onde nomeie as ruas da minha quadra, em Porto Alegre/RS, homenageando as mulheres que gostaria de ter ao meu lado ou que foram importantes nesta caminhada.

4. CONCLUSÕES

O que fazer e para onde ir? Como agir uma vez que percebi a barbárie na forma como a cidade foi/é construída? A percepção sensível é um exercício que deve ser feito de forma rotineira, cotidiana, a fim de despertar as sensibilidades nas coisas comuns, ordinárias, que já não notamos quando estamos em anestesia. Olhar para aquilo que não parece importante é uma forma de resistência. Olhar pela fresta, pelo beco. Notar o que é colocado em segundo plano. No fundo de uma grande figura. Ativar memórias comuns de tempos outros e buscar um resgate do potencial utópico. Como diz Edson Sousa, “um pensamento sobre a função da utopia vem, portanto, provocar a imaginação a abrir outros caminhos possíveis ao pensamento

para que não fiquemos paralisados na obscuridade do instante” (2007, p. 14). A fresta acaba por ser, ao mesmo tempo, a fenda do aparato para cartas, percebido no início dessa pesquisa, e um corte no real, na continuidade e na repetição. É algo em contradição e representa possibilidades de vida e morte ao mesmo tempo, assim como a mitológica ave fênix. A “Cidade [Outra]” é construída entre conversas, palavras, grafias e o envolvimento com as cidades onde fui capaz de perceber as discrepâncias de representatividade, cuidado, valorização, em lugares urbanos. Mesmo que os mapas de “*Cidade só para homens*” e a iniciativa levantada no exercício de criação de “*Outra Cidade [v.1]*” não resultem em projetos para novas realidades de cidade, e não almejem isso, por enquanto, eles apontam para desejos de realidades diversas, com distintas possibilidades, pensamentos, representatividades, pertencimentos.

Os trabalhos e a pesquisa desenvolvidos até agora não têm como intuito destruir o que já existe para construir algo novo. Tão pouco desejo supervalorizar o passado e evitar que o futuro aconteça. “Se estudar sensibilidades é um desafio, é um ir além, é ter, possivelmente, mais dúvidas do que certezas com relação ao passado, talvez resida nisso o charme que se encontra presente em toda aventura do conhecimento” (PESAVENTO, 2005, p. 134). É preciso muito desejo, muita utopia, muita sensibilidade, para que um dia consigamos criar lugares que verdadeiramente nos representem, nos pertençam. A cidade é, sim, o meu lugar, e é sobre ela que esta pesquisa, estas poéticas, se debruçam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 1ª ed.

KWON, Miwon. **O Lugar Errado**. In: Revista Urbânia 3. Editora Pressa, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. Era uma vez o beco: origens de um mau lugar. In: BRESCIANI, Maria Stella. **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. p. 97-119.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

PORO. Manifesto por uma cidade lúdica e coletiva, por uma arte pública, crítica e poética **Revista UFMG**. Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.78-89, jan./jun. 2013

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP, São Paulo, set./fev., 1993.

SOUSA, Edson Luis André de. **Uma invenção da utopia**. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

SOUZA, Celia Ferraz de. O sentido das palavras nas ruas da cidade. Entre as práticas populares e o poder do Estado (ou público). In: **Palavras da Cidade** / organizado por Maria Stella Bresciani. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. pp. 97-119.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

VIECELLI, Ana P. **Arcanos Urbanos**. Arcanos Urbanos: O Jogo dos Errantes, Porto Alegre, 30 ago. 2018. Acessado em 12 set. 2019. Online. Disponível em: <https://arcanosurbanos.wordpress.com>